



JANEIRO

2023



Nova Atena
Saber e Bem-Estar



Vamos Trazer a
Palavra Escrita
aos Nossos Dias!



Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Días!

JANERO

2023



ÍNDICE

AUTOR	TÍTULO	PÁGINA
Carlos Baptista	Amigo	2
Carlos Baptista	Encontro de Natal	3
Faustino Vital	Férias na Ilha do Pessegueiro	4
Faustino Vital	Verdades & Mentiras	5
Francisco Lourenço	Há Sorrisos	6
Jerónimo Pamplona	Tudo é uniforme	7
Jerónimo Pamplona	Não me peçam razões	8
Luísa Machado Rodrigues	Tempo de balanço	9
Maria de Lourdes Santos	Estrela da manhã	10
Maria Regina Ferreira	Tenho a noite na alma	11
Maria Regina Ferreira	O horizonte negro baixou	12
Maria Silveira	Deslizam os tempos	13
Mitú Branco	Beijos	14
Mitú Branco	Mãos	15
Pilar Encarnação	O Senhor do Vale Formoso	16
Vítor Carvalho	Vai ao fundo	17



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Carlos Baptista

gênero

POESIA PROSA

título

Amigo

Amigo

Quero apenas estar contigo, meu caro.

Na Primavera, no Outono ou Verão

E, no Inverno não te desamparo.

Verdadeiros amigos, sempre o serão.

Meu caro, apenas estar contigo quero.

A falar de tudo, também de nada.

Ou, até em silencio efémero.

A viajar ou à mesa a festejar,

Ou a beber cerveja na esplanada.

Meu caro, apenas contigo quero estar.



nome

Carlos Baptista

género

 POESIA PROSA

título

Encontro de Natal

Encontro de Natal

Na manhã de 23 de Dezembro não fazia frio, mas o céu carregado de nuvens escurecia, entristecia o dia e induzia-me uma nostalgia taciturna. Para espairecer fui passear a cadela (é verdade, os cães são excelentes e fiéis companheiros, mas dão trabalho, mesmo que nem sempre me apeteça tenho de vir, três vezes por dia, à rua passeá-la). Junto ao prédio, no parque de estacionamento, a cadela começou a dar ao rabo e a esticar a trela em direção a outro cachorro, também preso a uma trela que na outra ponta tinha uma senhora. Aparentava ter sessenta e tal anos, trajava um vestido de feitio e cores muito discretas, um olhar calmo e um sorriso sereníssimo. Nunca a tinha visto, embora conheça de vista quase todos donos, ou tutores, como agora lhes chamam, dos cães da vizinhança. Os cães, sempre abanando o rabo furiosamente, cheiraram-se e cumprimentaram-se. Os donos (recuso-me a dizer tutores), imitando os animais cumprimentaram-se:

- Bom dia, minha senhora.

- Bom dia. A sua cadelinha é uma Teckel de pelo cerdoso. Não é?? Tão engraçada! Não a deixe engordar muito, porque esta raça tem tendência a sofrer da coluna.

- É verdade. Há que controlar o peso. O seu cachorro é muito giro. Bem, vou andando. Continuação de bom dia e Feliz Natal.

- Feliz Natal, e permita-me oferecer-lhe esta pequeníssima prenda. Estou a oferecer a todos os amigos de animais que vou encontrando.

- Muito obrigado, felicidades para a senhora e para o seu cachorro.

Afastamo-nos. A prenda era um minúsculo saco de rede vermelha fechado por um laçarote dourado, e dentro tinha dois bombons e três bolachas de chocolate pequenas, do tamanho de uma moeda de cinquenta cêntimos. O valor da prenda é pouco mais que nada, mas o valor do singelo gesto foi de enorme humanismo. A emoção atou-me um nó na garganta. Ainda há gente boa e desinteressada.

Depois de massacrado por notícias de jornais e televisões sobre a corrupção, a mentira e a ganância dos políticos e dos parasitas que os rodeiam. Depois de ouvir tanto da invasão injusta e covarde da Ucrânia. Depois de saber dos emigrantes no Alentejo, no Catar ou dos que morreram afogados no Mediterrâneo. Fui perdendo a esperança na humanidade. Aquela desconhecida, com o singelo gesto fez-me acreditar, novamente, que há gente humana neste mundo.



Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Faustino Vital

gênero

POESIA PROSA

título

Férias na ilha do Pessegueiro

Férias na Ilha do Pessegueiro

Estamos em início de ano e é chegada a altura de fazer um balanço a todas as queimadas que aterrorizaram e aconteceram por essas serras, montes que já foram verdejantes plenos de árvores de fruto e searas, matos e pinhais, pomares diversos e outros campos cultivados e, as casas que não escaparam ao ciclone de fogo que sobre elas se abateu.

Os governos, sejam eles de que cor, gastam imenso dinheiro em prevenção, sempre tardia e desconcertada (quem não se lembra dos desencontros de comunicações do SIRESP e dos aviões russos Kamov KA-27 tardiamente alugados e adquiridos, depois inoperantes) e não pensam por antecipação na hipótese de dar férias gratuitas a todos os potenciais indiciados, e grande parte das vezes as autoridades sabem quem são, os antigos incendiários que já foram libertados de algumas pequenas penas de prisão e que voltam sempre ao seu vício de foguear, alguns atrasados mentalmente a necessitar de apoio de instituições ou simplesmente os mal intencionados e maldosos e com veia criminosa.

Para a Covid houve um plano, uma task force. Assim poder-se-ia legislar para que a expensas do Estado, no período dos meses de Junho a Outubro, o exército fornecesse tendas e cozinhas de campanha, alimentos, água quanta precisassem

e uma grande área de churrasco com muita madeira para queimar, que é como eles gostam, sendo a Ilha do Pessegueiro a mais indicada por não ter floresta.

Desse modo tudo ficaria mais facilitado: Uns tiravam férias como se estivessem no Inatel, o património florestal ficaria mais protegido, as casas mais intactas e as vidas não se perderiam nem haveria os consequentes traumas que os fogos sempre originam, poupando-se assim um valor nacional inestimável.

Depois, era só devolver à sociedade os veraneantes entretanto bem alimentados e bronzeados, com passagens pagas para as diversas regiões de naturalidade. Talvez alguns tomassem o gosto e com o tempo invertessem a sua tendência de acender o fósforo de todas as nossas desgraças. Quem sabe ?



VAMOS TRAZER A PALAVRA ESCRITA AOS NOSSOS DIAS!

nome

Faustino Vital

género

POESIA PROSA

título

Verdades & Mentiras

Verdades & Mentiras

Há verdades que o são

Há verdades que parecem ser

Há verdades que não são

Há verdades que tentamos perceber

Há verdades que são ditas

Há verdades que são mentiras

Há verdades por quem as diz

Há inverdades por outros urdidas

Há verdades que estão à vista

Há verdades que estão escondidas

Há verdades em fim de lista

Há verdades nunca ouvidas

Mas, também

Há mentiras que se perdoam

Há mentiras que nos magoam

Há mentiras que são como o pão

Há quanto mais tempo passa, mais duras são



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Francisco Lourenço

género

POESIA PROSA

título

Há Sorrisos

Há sorrisos

Há sorrisos que nos dominam e encantam
Que nos levam para afastadas ilhas verdejantes
Há sorrisos lindos e muito sedutores
Que expressam o sentimento de apaixonados amantes!

Há sorrisos alegres, largos, expressivos
Que até fazem sorrir os olhos
Lábios doces, calmos e serenos
Que alimentam flores e amor aos molhos!

Há sorrisos envergonhados que fazem corar
Há outros disfarçados com vontade de chorar
Há sorrisos abertos a convidar entrar
Outros são simulados para nos fazerem acreditar!
Há sorrisos de alegria em muitos momentos
Esses são curativos, cheios de bons sentimentos
Outros são fechados por vagas de desalento
Provocados por imagens chocantes de grande sofrimento!
Que a vida seja feita de encantadores sorrisos
Que os gananciosos paguem sempre os prejuízos!
18 de Janeiro dia do SORRISO



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Jerónimo Pamplona

género

POESIA PROSA

título

"Não me peçam razões, ou não as tenho, ou direi quantas queiram"

"NÃO ME PEÇAM RAZÕES, OU NÃO AS TENHO, OU DIREI QUANTAS QUEIRAM"

I – NA INFÂNCIA

Aconteceu naquele Verão.

Com dez anitos de idade

fomos jogar futebol com a bola de trapos

para a eira do Zé do Carrau. Jogo importante.

Eram os do Telhado contra os do Outeiro.

Ganharam os do Telhado. Deu pancadaria!

A mãe, ficou assustada com o sangue

que escorria do joelho.

«Ó rapaz, como é que tu te esmoucaste»?

«Ó mãe, não me peçam razões,

ou não as tenho, ou direi quantas queiram».

II – NA VIDA ADULTA

No primeiro ano de comissão militar em Angola

fui convidado pela família Cassendo, para a consoada,

onde se misturaram sabores portugueses com sabores quicocos.

A meio da ceia de Natal do Batalhão de Caçadores

apareceu na messe de sargentos, para desejar boas festas,

o 2º Comandante, meu antigo professor nos Pupilos.

«O sargento Pamplona foi cear a casa dos Cassendo?!

Sr. sargento-ajudante informe o sargento Pamplona

para comparecer, amanhã às 10h00, no meu gabinete».

«Meu major, não me peça razões,

ou não as tenho, ou darei quantas queira».



VAMOS TRAZER A PALAVRA ESCRITA AOS NOSSOS DIAS!

nome

Jerónimo Pamplona

género

POESIA PROSA

título

Tudo é uniforme. Estamos nós uniformizados?

“Tudo é uniforme. Estamos nós uniformizados”?

Este tema fez vir à minha memória a seguinte canção:

Trova do vento que passa – Há sempre alguém que diz não!

Interprete: Adriano Correia de Oliveira, Letra: Manuel Alegre

Partindo daqui o meu pensamento voou para a situação que se viveu durante o Estado Novo (1933 – 1974) e que mesmo nessa fase de ditadura fascista, o tema, aqui proposto, não teve aplicação constante. Assim sendo, vejamos o caso da Assembleia Nacional daquele período: À Câmara de deputados só cabia o poder legislativo, não tendo quaisquer competências em matéria da fiscalização da atividade governamental, já que o Governo respondia exclusivamente perante o Chefe de Estado. Só podia assumir poderes de revisão constitucional por indicação do chefe de Estado e apenas no âmbito por ele indicado. Com 150 deputados era um órgão monocameral que poucas vezes exerceu o poder legislativo que teoricamente lhe estava atribuído. Era, claramente, um eco do regime.

Durante a Primavera Marcelista (1968 – 1974), um grupo de 30 deputados formaram a “Ala Liberal” da Assembleia Nacional, sendo Sá Carneiro um dos mais ativos. Este grupo, chamado de “liberais”, tentou fazer a transição da ditadura para a democracia. Entre outras medidas, apresentaram um projeto de revisão constitucional que deu entrada na Assembleia nos finais de 1970. Desse projeto constavam as seguintes medidas:

- Abolição da censura, a liberdade de imprensa e de associação, a extinção dos tribunais plenários (que julgavam os presos políticos), a supressão das medidas de segurança sem termo certo (quando aplicadas aos presos políticos assemelhavam-se a prisão perpétua), a limitação da prisão preventiva sem culpa formada a um prazo máximo de setenta e duas horas, a inclusão do direito ao trabalho e do direito à emigração na lista dos direitos fundamentais, o reforço dos poderes da Assembleia Nacional, a restauração do sufrágio universal para a eleição do Presidente da República, a abolição do veto presidencial às leis da revisão constitucional. A 2 de Dezembro de 1970, o Presidente do Conselho, Marcelo Caetano, deslocou-se ao Palácio de São Bento para apresentar, perante a Assembleia Nacional, a proposta de revisão constitucional do Governo. A sua política reformista que suscitara, inicialmente, grandes esperanças de democratização de regime, entrara nesse ano de 1970 num período de retrocesso. A machadada final foi dada pelo Marcelo Caetano quando comentou as propostas da Ala Liberal: «O propósito que o Governo agora visa é justamente o de atualizar e revitalizar o texto constitucional. Não se trata, como é óbvio, de alterá-lo radicalmente».

Entre 1970 e 1971, o número de detenções por motivos políticos voltou a aumentar. O recuo no terreno das liberdades expressava uma clara travagem naquilo a que a chamada “Primavera Marcelista” tinha prometido para o campo da renovação contínua do regime. Os esforços dos “liberais” terão tido o efeito de desacreditar a experiência marcelista junto de largos sectores das classes médias portuguesas. Após sucessivas desilusões, os deputados da Ala Liberal foram abandonando a Assembleia Nacional. Sá Carneiro foi o primeiro, em 1973, com a famosa expressão: “É o fim”! Sá Carneiro teve uma visão premonitória. Em 25 de abril de 1974 acabou, felizmente, ao fim de 41 anos, o Estado Novo Português



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Días!

nome

Luísa Machado Rodrigues

género

POESIA PROSA

título

Tempo de balanço

Tempo de Balaço

Novo ano, tempo de balanço. Fica para trás uma já longa vida. Atribulada, mas positiva. Atribulações desde as singelas às que raiam o dramático, felicidades fugidias abraçadas de olhos postos em frente. No íntimo, os recados do dia a dia, silenciosos: o agradecimento pela oportunidade de ter tido direito à vida (obrigada pai! obrigada mãe!), o dever de prosseguir-la haja o que houver, o não desperdício das pequenas grandes alegrias, esses diamantes que dão brilho às negruras guardadas na memória enlaçada pela saudade.

Ocorre-me o filme Viver com Picasso: a cena no funeral duma tia idosa. Surge quem repare não haver praticamente a companhia de ninguém ao que, com a firmeza, senão dureza, tão características do célebre artista, o mesmo se saiu com brusca frase mais ou menos como segue: é o que faz ser a última a morrer!

Que mórbida associação esta a minha, dirão. Entendo, mas asseguro que não tem a ver com desencanto da vida. Simples e complexamente decorre de comigo, pela primeira vez, no ano que se foi (que muito de bom incluiu), com ele ter sido levada mais de meia dúzia de entes significativos/os dentre familiares e amigos. O meu preito, meus inesquecíveis! Como pesam no balanço...

Deixam rasto. Acordaram no meu espírito uma outra consciência desse quase tabu, dessa certeza que calamos, trazendo alguma serenidade à lembrança dos duros momentos de 2022 perante cada um ou uma que partiu. Um despertar que fez dizer-me a mim própria: Continuas cá... Um espelhar do que sabemos – viver é nascer, crescer e morrer – só que, pondo o dedo no que iludimos, na hora última, essa indelével realidade dramatizada e abafada na nossa cultura que a torna tão difícil de encarar.

Já Philippe Ariès, relevante historiador francês do século XX, referiu: dantes nascia-se nas couves e morria-se nas flores; agora, nasce-se nas flores e morre-se nas couves. Ou seja, fez notar como a evolução histórico-cultural levou a que o esconder e o isolamento ligado ao nascimento transitasse para a morte e, vice-versa, que o ato acompanhado e público da morte rodeada de familiares e amigos soçobrasse, passasse a medicalizada e solitária em favor da pública exposição e valoração do nascimento.

Enfim, coisas que dão que pensar, que acalentam se conseguirmos aprender a com elas conviver.

Aprendizagens graças às quais o foco se alarga e que, no meio das adversidades pessoais, das muitas que vão para além de nós e que tanto nos afetam, apela ao sentimento de privilégio que é ter vencido mais um ano e continuar, mesmo com mazelas (é certo, mas aceitáveis), a usufruir de mais uns tempos...

Dizem que tudo tem um preço... No caso, e plagiando Picasso, o preço da longevidade!!!



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Maria de Lourdes Santos

gênero

POESIA PROSA

título

Estrela da manhã

Estrela da manhã

Estrela especial ainda visível ao amanhecer. Sugere-me assim a fronteira entre a escuridão da noite e a luz do novo dia que nasce. É a ponte de luz entre o antes e o depois.

Pontinho de luz resistente e pioneiro que ornamenta harmoniosamente o teto do nosso Planeta na manhã do novo dia.

Olhar as estrelas encanta-me, acalma-me, dá asas ao meu sonho, eleva-me.

Elas mostram-me a esperança, reforçada na imensidão.

São companhia fiel, silenciosa, acolhedora, em momentos de solidão ou de celebração.

São símbolos multifacetados de orientação luminosa.

São matéria da minha matéria e eu sou matéria da sua matéria.

São tudo o que eu deseje que sejam, tal a grandeza da nossa fusão.

Nas noites estreladas dos verões quentes do meu Alentejo, a cumplicidade foi crescendo e muito precocemente a sentia e nela me aconchegava; eram fiéis companheiras dos meus silêncios e sonhos.

Hoje tudo continua tão presente nas minhas recordações!

Elas estão lá, sei disso, porém nem sempre as vejo, (nem sempre é verão de noite estrelada).

Há circunstâncias que turvam a sua visibilidade, mas que importa?

Sei que estão lá e posso convidá-las para junto de mim, sentir a sua companhia e o seu calor.

Sei que um dia serei eu a subir na sua direção e como as sinto já acolhedoras e familiares!

Enquanto aqui estiver quero sempre, de dia e de noite, ininterruptamente, a sua luz a iluminar os meus momentos já luminosos e sobretudo os ainda sombrios. Quero-as na noite escura da alma para que iluminem a minha sombra num reforço de fé e de esperança.

Confio na sua ajuda ao deslizar na imensidão que me confunde entre caminhos livres e obstáculos tenebrosos que espreitam e querem que eu ignore que há estrelas.

Sei que elas não desistem de mim, aguardam luminosamente que eu as olhe e me entregue confiante ao seu calor e luz natural.

A Estrela da Manhã simboliza a renovação que cada Dia me oferece.

Eu amo as estrelas em geral enquanto parte do universo a que eu e elas pertencemos.

Quero-as pelo tempo que seja o meu tempo aqui.

Quero-as para lá deste meu tempo e desejo tê-las a receberem-me quando eu subir e me fundir nas constelações!!



nome

Mária Regina Ferreira

género

 POESIA PROSA

título

...tenho a noite na alma

... tenho a noite na alma.

Estou sentada à escrevaninha, escrevo já com a noite em casa. Apenas a luz do meu candeeiro de sempre ilumina o meu rosto. Mas sinto-me às escuras. Como se fosse a noite em casa dos meus avós, ainda sem rede elétrica na aldeia.

Leopoldo estava em casa a preparar o jantar e a cuidar da lareira para aquecer o nosso bem-estar. Esperava-me havia dias.

De regresso a casa, telefonei da autoestrada avisando que levava comigo uma convidada para connosco passar um promissor fim de semana. O carro voava ao som do meu pensamento tal era o prazer de regressar ao teu beijo. Levava o sol comigo!

Ao chegar, recebeu-me uma pequena coruja. Era habitual naquela época irem beber água à piscina de águas muito azuis com reflexos de céu.

Entrei o portão e a pequena coruja voou à minha frente e foi poisar num braço da alfarrobeira que Leopoldo tinha plantado há largos anos. Junto desta, havia outras duas alfarrobeiras mais antigas. Era um trio que proporcionava um espaço de sombra muito acolhedora. Era o sítio das conversas.

Ainda hoje lá está uma mesa de pedra onde começámos por jogar Crapot. Só nós. Eu e tu. Mais tarde, jogávamos ao king, à Bisca e ao Peixinho com os mais pequenos.

Nunca esquecerei o pedido de ajuda que Leopoldo tinha escrito naquele olhar. Gelada, fiquei em silêncio. A noite entrou na minha vida.

Hoje, nos instantes de luz, escrevo já com a noite em casa.



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Maria Regina Ferreira

gênero

POESIA PROSA

título

...pela Marginal

... pela Marginal

O horizonte negro baixou
O mar engrossou as águas
tornou-as vagabundas escuras
O vento desganhado
forma ondas quebradas rebeldes
que se desfazem em espuma
Vagas alterosas de cabelos brancos
descem em forma de rápidos
dobradas em baínhas de neve
É o vento que brama e intranquiliza
Gaivotas temperam os ares procurando alimento
e não conseguem
Árvores curvam-se à fúria que ensurdece
no caos da rebentação
O manto celeste acompanha
com ondas de revolta
faiscando em tons de fogo e sons de raiva
E o medo instala-se na escuridão
É condição humana
Ao longe desenha-se um arco-íris
Amanhã é outro dia
Renascem as cores da esperança
Agasalha-se o homem
O homem vive



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Días!

nome

Maria Silveira

género

POESIA PROSA

título

Deslizam os tempos

Deslizam os tempos

Deslizam os tempos

Foi-se dezembro, chegou janeiro

Alegria de mais um ano dobrado

Preocupação perante o contemporâneo acontecer...

Longe vai a viragem do milénio em acalmia

Pacificação mundial, crença no futuro que não veio.

Vinte anos depois zanga-se o Homem, zangam-se os elementos

Tempestades, trovões, inundações, ventania

Guerreiam povos, sofrem nações

Descalabro na economia, rotura social

Desenganos, receios, desilusões...

No sobe e desce dos tempos

Para quando a bonança, o fim da intempérie?

Ao mundo volte entendimento, haja conciliação!!!



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Mítú Branco

gênero

POESIA PROSA

título

Beijos

Beijos

Vão de boca em boca

Uma sabe a cereja

Outra a mel

Outra a jasmim

A minha deve saber a fel

porque a tua

vai como louca

aos beijos

de boca em boca



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Mitú Branco

género

POESIA PROSA

título

Mãos

Mãos

A minha mão fica bem na tua

A tua é grande

protectora

musculada

A minha é pequenina

frágil, branca, rosada

unhas pintadas

toda enfeitada

A tua é escura

trabalhada, suada

Afinal

acabou-se

eu bem sabia que isto ia dar em nada.



nome

Pilar Encarnação

género

POESIA PROSA

título

O Senhor do Vale Formoso

Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

O Senhor do Vale Formoso

Era o senhor de um amplo e extenso vale parcialmente rodeado de montes. O Sol brilhava intensamente sobre aquelas terras férteis. Terras ricas em água e pão.

O Senhor era considerado um homem justo, sério e abastado. Tinha vários filhos e todos trabalhavam arduamente para manter a prosperidade da família.

Um dia, inesperadamente, o Senhor sentiu-se mal e foi chamado para Deus. Tinha sido um bom marido e um bom pai e toda a família o chorou amargamente.

Chegou depois o momento de pensarem no futuro. Os filhos reuniram-se e prepararam-se para dividir as terras entre si; todos eram já adultos e tinham as suas ambições. Procederam serenamente às partilhas. Para além do vale, alguns daqueles montes também lhes pertenciam. A terra chegava bem para todos.

Não foi difícil o entendimento, mas quando tudo parecia resolvido, eis que chega um emissário com notícias inesperadas. Havia mais herdeiros que reclamavam a sua parte da herança. Notícia estranha e inacreditável que caiu no seio da família como uma bomba. Não era possível, era um grande equívoco!

E assim começou um conflito que viria a eternizar-se no tempo. Como o acordo se tornou impossível pois ninguém abdicava dos seus direitos, recorreram ao tribunal. Os anos passaram e nada era decidido.

Quando finalmente o tribunal decidiu a questão, os filhos não tinham dinheiro para pagar as custas e tiveram de pedir o dinheiro emprestado a um agiota. Os juros eram muito elevados, mas não havia alternativa. E assim, passaram uma vida inteira a juntar todos os tostões até conseguirem finalmente livrar-se da dívida.



nome

Vitor Carvalho

gênero

 POESIA PROSA

título

vai ao fundo

Vai ao fundo

Eram amigos de longa data, tiveram aventuras comuns, vidas profissionais diferentes, só se desentendiam no futebol, porque dois eram do Benfica e o terceiro era do Sporting. A amizade sobrepunha-se a todas as divergências futebolísticas. Reformaram-se com poucos meses de diferença, no início do novo século, perante o anúncio de revisão de todo o sistema de pensões. Se antes se juntavam frequentemente com as famílias, agora, na condição de reformados, encontravam-se quase todos os dias e na mesma zona: jardim da Praça do Império, em Belém, Jardim das Oliveiras, no CCB, ou na esplanada do Museu da Marinha. Para tomar café, conversar e passar o tempo.

Eram pessoas bastante diferentes: Juliano tinha um pensamento muito zigzagueante, começava uma frase sem saber o que iria dizer a seguir, falava muito, sobretudo para comentar pessoas que iam passando. Tinha poucas ideias, só falava de coisas ou de pessoas, mas era muito brincalhão, ironizando com uma crítica social sem piedade. Estava sempre inquieto, fazia largos gestos com as mãos, levantava-se para ver melhor quem passava. Ria-se e fazia rir os outros. Oceano era uma pessoa muito diferente, bastante calmo, esticava as pernas e tombava a cabeça na cadeira ou no banco de jardim, muito reflexivo, dissertando sobre tudo e mais alguma coisa, com pensamento estruturado. Tinha estado na Marinha de Guerra seis anos, viajando por várias latitudes. Adorava o mar, falava do mar, dizia poemas sobre o mar. O seu maior sonho, de que falava muitas vezes, era fazer uma viagem pelo fundo do mar, ver a beleza natural que há nos oceanos, com uma câmara de filmar sempre à mão. O terceiro elemento, Tristão, tinha uma estatura franzina, homem relativamente baixo, muito racional nos seus comentários, ouvia mais do que falava. Sempre com os cotovelos na mesa ou com os braços cruzados, ouvia os amigos e comentava com sentido de humor e de forma desconcertante, com uma lógica de raciocínio imbatível, emitindo opiniões fundamentadas, com grande criatividade. Era cético em tudo, mas de forma construtiva, levando os amigos a concordarem com os seus comentários. O seu sonho era voar, qual bruxa assentada numa vassoura. “Não vou morrer sem ver o homem voar, qual morcego, com asas digitais a voar pelo mundo fora, fazendo longas distâncias”, dizia. Gostava de ficção científica, não se calava quando lhe davam a oportunidade de falar sobre o que via na internet sobre meios de transporte do futuro.

Os temas que iam discutindo nos seus encontros não eram previamente acordados; surgiam de qualquer conversa e eram então aprofundados. “Vi ontem na net um anúncio de um passeio numa ilha do Vietname a bordo de um submarino, que permite ver recifes, corais e peixes deslumbrantes, adorava embarcar nessa aventura, ver a fauna e a flora subaquática a 100 metros de profundidade” dizia Oceano. Mas não tenho dinheiro nem companhia para essa aventura, acrescentava. “Espera! porque coisas desse género não chegam a Portugal em breve”, ripostava Tristão. “Vamos propor-nos a fazer um anúncio televisivo ou num placard a dizer que estamos prontos a andar de submarino depois de tomarmos o Calcitrol ou Calcitrak ou lá o que é, famoso elixir da velhice”, acrescentava Juliano.

Nessa tarde, tinham estado a apanhar sol e tomar um café na esplanada do Jardim das Oliveiras, no CCB. Estavam de regresso a casa, sem consenso acerca do que fazer para arranjar dinheiro para a viagem de submarino. Continuavam nesta discussão quando passavam junto do Mosteiro dos Jerónimos. Uma guarda de honra a cavalo estava postada em frente da joia manuelina, provavelmente em treino para uma qualquer guarda de honra próxima. Uma furgoneta a alta velocidade passava do outro lado da rua, junto ao jardim. De repente ouve-se um grande estoiro, que assustou os cavalos. Um deles, foge em direção ao Palácio da Presidência, deitando por terra o seu cavaleiro, que gritava. “Atentado, é um atentado”, vociferava Juliano. “Nada disso, meu ingénuo”, respondia Tristão. “Não vês que rebentou um pneu daquela furgoneta parada lá ao fundo!”, acrescentou.

Grande rebuliço naquelas artérias da zona de Belém. Turistas curiosos, gente a descer dos elétricos para ver o sucedido. Juliano propôs que a conversa acabasse ali, antes que houvesse bordoadas sobre a multidão.

“Vamos embora, até amanhã!” Despediram-se. “Vai ficar tudo bem, vamos pensar no submarino...”, ainda acrescentou Oceano.



JANEIRO

2023



Nova Atena
Sabedoria e Bem-Estar



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

NOVA ATENA – UNIVERSIDADE SÉNIOR DE LINDA-A-VELHA
www.novaatena.pt

COORDENAÇÃO Midá Sá-Chaves
DESIGN GRÁFICO Carlos Lopes